

VI Colóquio Internacional

“Educação e Contemporaneidade”



**São Cristovão-SE/Brasil
20 a 22 de setembro de 2012**

O MÉTODO DAS CARTILHAS

Erika Dias Santosⁱ
Mileide Borges Adalberto Santosⁱⁱ
Vanessa dos Santos Macedoⁱⁱⁱ

ESTUDOS DA LINGUAGEM

RESUMO

Este artigo tem como função principal, analisar um dos instrumentos mais utilizados pelas escolas: a Cartilha, tomando como foco, nessa análise, o método de ensino-aprendizagem desenvolvido no processo de alfabetização das cartilhas “*Alegria do Saber*” e “*Vamos Trabalhar*”. Nesse sentido tece considerações a forma de aprendizado que elas transmitem às nossas crianças, qual a importância que elas trazem para com a leitura e a escrita enfim, se realmente este é um dos melhores métodos de ensino ou não.

Palavras-chave: Ensino-aprendizagem. Processo de Alfabetização. Cartilha.

SUMMARY

This article has as its main function, to analyze one of the instruments used by schools: a primer, taking as its focus, in this analysis, the method of teaching-learning developed in the process of literacy primers "Joy of knowledge" and "Let's work". In this sense weaves learning form considerations that they convey to our children, what is the importance that they bring to the reading and writing anyway, if really this is one of the best methods of teaching or not.

Keywords: Teaching-learning. Process of literacy, Primer.

O que muitos sabem sobre Alfabetização, é que ela é uma etapa da escola onde se ensina a ler e a escrever. Mas será realmente só essa a tarefa da Alfabetização? Quais métodos de ensino desenvolvidos nesse processo? Essas são perguntas que todos e principalmente a escola, devem fazer quando se tratar da questão de alfabetizar.

Para que possamos analisar com devido cuidado o método desenvolvido nas cartilhas propostas, primeiro se faz necessário saber qual a diferença existente entre ensinar e aprender. Segundo Cagliari “Ensinar é um ato coletivo e Aprender é um ato individual”^{iv}. Pode-se ensinar a todos de uma vez só, mas cabe a cada um realizar a sua aprendizagem.

No ensino, é muito importante o que se diz; na aprendizagem, o que se faz, mesmo quando o fazer significa dizer. Aprender não é repetir algo que foi ensinado, mas criar algo semelhante, a partir da iniciativa individual de quem aprende. Quando simplesmente se repete um modelo, não ocorre exatamente uma aprendizagem. Ela vai aparecer somente quando a pessoa, por ação própria, conseguir realizar algo de acordo com as suas expectativas alheias.^v

Respondendo a uma das questões levantadas à cima, um dos meios que as escolas utilizam muito, é o método de ensinar que referenda as cartilhas. E como já se sabe, não é um método recente de ensino, sua utilização vem desde a época do Renascimento, já que com o uso da imprensa, se deu maior importância à leitura e conseqüentemente a alfabetização. Cagliari cita dois métodos, “um voltado para o ensino e o outro voltado para a aprendizagem”^{vi}. O método baseado no ensino não leva em consideração o que o aluno já sabe ao entrar na escola, para ele o começo de tudo será o momento em que o aluno entra na escola, vai ser a partir daí que o aluno vai começar a “aprender”.

O princípio do ensino que está contido nas cartilhas é o ato de repetir. O aluno tem de fazer tudo do jeito que o professor copiar, se o fizer assim, quer dizer que ele “aprendeu” tudo direitinho. Esse método não leva em conta se o aluno realmente assimilou determinado conteúdo, ou seja, se ele realmente é capaz de realizar tal atividade sem está olhando para um modelo já pronto. Aqui o aluno não é levado a pensar, a racionar e nem a refletir sobre determinada atividade, basta copiar do jeito que está exposto e pronto, sua “aprendizagem” já está realizada e o conteúdo por ele “assimilado”.

O método 1 (baseado no ensino) não é bom para os seres humanos porque somos dotados da racionalidade e refletimos a todo instante. Quando fazemos isso, temos toda a liberdade do mundo de acharmos o que quisermos, seja lá a respeito do que for, com que idade for, na rua, na sala de aula, na igreja ou em qualquer lugar.^{vii}

Ao recordarmos o tempo de nossa alfabetização como a também a de nossos colegas, observamos que a escola utilizou e bastante o método baseado no ensino. A escola não estimulava o gosto pela escrita e nem pela leitura. As leituras que fazíamos eram apenas aquelas que já vinham nos livros de português, não havia uma leitura extra. Acompanhando a leitura existia também a questão da escrita, nós a realizávamos como meras cópias de textos prontos e quando surgia algum tema para escrita, não era instigante, pois os temas que apareciam eram do tipo: como foram suas férias, e isso no início como também do meio do ano, temas sem nenhuma proposta concreta. Se tivéssemos que responder alguma questão, limitávamos a transcrever o que encontrávamos nos livros e éramos na maioria das incapazes de formular nossas próprias de acordo com os nossos entendimentos.

Esta reflexão e a presença ainda muito forte do uso das cartilhas nas escolas levaram-nos a questionar o processo de ensino aprendizagem implícito nas cartilhas. Para tanto este artigo fará uma análise a duas cartilhas tomando como referencia o “método de ensino” e o “método de aprendizagem”^{viii} de Cagliari e suas discussões a respeito da lingüística e da alfabetização (1989, 1998). Essa análise será aprofundada a partir da discussão a respeito da linguagem que Braggio (2006) traz tomando como referencia os autores Paulo Freire, Vygotsky, Luria e Bakthin.

AS CARTILHAS EM ANALISE

A análise realizada teve com base as cartilhas *Alegria de Saber*, autoria de Lucina Maria Marinho Passos da Editora Scipione e *Vamos Trabalhar*, de Eliana Almeida e Aninha Abreu da Editora do Brasil. Para distinguir as observações feitas às cartilhas será adotada aqui, a seguinte metodologia: a cartilha *Alegria do Saber* será denominada **cartilha 1** e a *Vamos trabalhar*, **cartilha 2**.

A CARTILHA 1

Na metodologia desenvolvida na cartilha 1 a autora coloca que a aprendizagem da leitura se fará de forma mista ou eclética. Os aspectos metodológicos que embasam as atividades de aprendizagem da leitura são: síntese-análise-síntese, princípios do método fônico, aprendizagem concomitante da leitura e da escrita, o aspecto lúdico da linguagem, situações de aprendizagem calcadas em motivos simples, de vivência da criança e graduação.

A cartilha em questão está assim organizada:

- Período Preparatório – trabalha com a coordenação visomotora, percepção auditiva e a percepção visual.
- Alfabetização – trabalha com as vogais, encontros vocálicos, sílabas simples, sílabas complexas, encontros consonantais, composição, alfabetário, textos complementares e dicionário ilustrado.

A cartilha 1 começa treinando a coordenação das crianças, fazendo com que elas cubram traçados de diversos tipos, logo depois apresenta as vogais e para cada letra está associada uma imagem correspondente. Tanto nas vogais quanto na parte de coordenação aparecem pequenas músicas associadas às atividades. Segue abaixo, um exemplo de música na parte de coordenação e outra nas vogais, respectivamente:

Se esta rua, se esta rua fosse minha
Eu mandava, eu mandava ladrilhar
Com pedrinhas, com pedrinhas de brilhantes
Para o meu, para o meu amor passar.

Nessa rua, nesta rua tem um bosque
Que se chama, que se chama Solidão.
Dentro dele, dentro dele mora um anjo
Que roubou, que roubou meu coração.

Música: “Se esta rua fosse minha”^{ix}

Cara redondinha,
Rancinha para cá.
- Quem é esta menina, ó maninha?
- A, a, a...

Música: “Na Bahia tem”^x

Com relação às consoantes, a cartilha não trabalha uma por uma e sim através da junção das sílabas, mostrando a família de cada letra, ou seja, ela trabalha com o ba, be, bi, bo, bu. E para cada unidade trás um pequeno texto relacionado a cada letra em questão, mas como dizia

Cagliari “Pode-se até ter uma frase ou pequeno texto, junto com as lições, porém o que vale não é o texto em si, mas o fato de ele conter apenas palavras já estudadas.”^{xi}

Depois de apresentada a estrutura da cartilha 1, vamos voltar nosso olhar para as questões da: variação linguística, leitura, escrita e interpretação de texto. As cartilhas de um modo geral não levam em consideração o dialeto que a criança carrega consigo, sendo assim, a criança usará uma fala espelhada, apenas irá repetir o que lhe é dito. O problema irá aparecer quando a criança for indagada pelo professor e responder segundo a sua forma de falar, já que ainda não domina a forma culta da linguagem.

Ignorando a variação linguística e seu uso na sociedade, a escola faz os alunos que falam dialetos estigmatizados se sentirem fortemente discriminados, quando deveria ensinar-lhes o dialeto de maior prestígio regional, como forma de promoção social.^{xii}

A forma de escrita que é trabalhada na cartilha 1 é tão somente a repetição de um modelo ou então atividades para cobrir aquilo que está pronto. Não se leva em consideração a imaginação da criança para com a escrita. A criança fica restrita a determinados modelos impostos pela cartilha. Outro ponto em relação à escrita são as diversas formas existentes de escrita, a cartilha não explica o porquê dessa questão e o professor apenas relata que existem letras minúsculas e maiúsculas.

A partir das observações levantadas, pode-se constatar também uma questão em relação à forma de escrita que a cartilha 1 trás, no caso a letra cursiva. Ela padroniza a escrita cursiva, considerando ser a forma mais fácil para as crianças começarem a aprender e por isso a escola passa a adotar este tipo de escrita, mas levando em consideração a posição de Cagliari (1999) percebe-se que a melhor forma de se ensinar a escrita às crianças seria pela letra de forma e em especial a maiúscula, por esta possuir apenas duas formas de escrita, a maiúscula e a minúscula.

A cartilha 1 trabalha com as leituras que aparecem em cada lição, leitura essa que na maioria das vezes, só contem palavras de acordo com a letra que está sendo estudada, ou seja, leituras curtas chegando até 10 linhas no máximo. Talvez para tentar reparar um pouco tais problemas, esta cartilha “*Alegria de Saber*” trás nas ultimas páginas leituras complementares, de maior extensão. O problema nas leituras da cartilha 1 está em que, como ela trabalha com sílabas, o aluno acaba por fazer uma leitura também silabada.

A interpretação que a cartilha 1 trás, não é bem uma interpretação, pois esta atividade consiste apenas em completar espaços vazios. Um exemplo disso seria o seguinte: o texto fala **A babá é a Biba**, então se faz a pergunta **A babá é a** . Para Cagliari “[...] achar que um

falante nativo de português não é capaz de ouvir (ou ler) uma frase banal como essa e não a entender é um insulto à racionalidade da pessoa”^{xiii}.

A CARTILHA 2

Diferentemente da cartilha 1, que começa com coordenação motora a cartilha 2, inicia apresentado o alfabeto. Em seguida trabalha com as vogais de forma alternada, ou seja, na seguinte ordem: **a, i, e, u, o**, associando as letras com imagens. Na cartilha 1 para cada vogal trabalhada segue associada uma música, já na cartilha 2 aparece um advinha.

O que é, o que é?
Coisa tão curiosa
Causa espanto em tanta gente
Por trás tão curto rabinho
E tromba tão grande na frente.

xiv

As consoantes na cartilha 2, também são trabalhadas de forma alternada, não seguido a sequência mostrada na cartilha 1: **b, c, d** e assim por diante. A cartilha 2 utiliza-se da mesma metodologia da cartilha 1 para as consoantes, ou seja, basei-se no **ba, be, bi, bo bu**, e exibindo um texto no final de cada lição.

Diferentemente da forma de escrita da cartilha 1, a cartilha 2 vem tratando a questão da reescrita de forma cursiva, das junções silábicas e formação de frases ilustrando imagens referentes as respectivas letras estudadas. Com relação à leitura, a cartilha 2 usa dos mesmos métodos da cartilha 1, usa apenas os textos contido em cada lição.

A interpretação na cartilha 2 é realizada de forma mecânica, ou seja, apenas a reescrita de partes do texto estudado, por exemplo:

O rato Roque

O rato Roque
roque, roque
rói o queijo
roque, roque,
rói a cama
roque, roque
rói o pé da cama
roque, roque

O rato _____
roque, _____

rói o _____
roque, roque,
rói a _____
roque, _____
rói o pé da _____
roque, _____^{xv}

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Alfabetização é nessa fase que a escola tem que investir, fazendo com que os alunos, que se encontram nessa fase, se sintam estimulados pelo gosto a leitura e a escrita, pois é aí, neste momento, que a criança está aberta a novos desafios e pronta para aprender. Vai ser através desta estimulação que vamos criar crianças reflexivas, capazes de discernir sobre o que é certo e errado. A escola não pode e não deve subestimar a capacidade de aprendizado que cada criança tem, seja qual for a sua faixa etária.

Depois de todos os aspectos levantados e analisados sobre as cartilhas, fica definido que o processo de ensino aprendizagem que está contido nelas é o método 1 que Cagliari (1999) define como o “método baseado no ensino”, método esse que trabalha com repetição, memorização. O uso da memória é muito importante para a aprendizagem, pois promove a reflexão, mas o tipo de memorização que está contida nas cartilhas não é bem este. No método baseado no ensino a criança só memoriza o já dominado.

Levando em consideração que a cartilha 1 é do ano de 1987 e a cartilha 2 de 2011, percebe-se que o método das cartilhas pouco evoluiu, pois, a partir das análises realizadas foi possível constatar que as mudanças obtidas dizem respeito apenas à questões de organização dos conteúdos.

Apesar de todas as críticas aqui levantadas em cima das cartilhas, não podemos contudo, julgá-la como sendo incapaz de alfabetizar. Tanto o método baseado no ensino quanto o método baseado na aprendizagem, sozinhos não funcionam, o que deve haver é um equilíbrio entre ambos – o professor ensina sabendo que ele não é o dono do saber, tendo em mente que o aprendiz em questão, também é capaz de buscar seu próprio aprendizado.

i Graduada em Pedagogia pela Universidade Federal de Sergipe – erika20dias@hotmail.com

ii Graduada em Pedagogia pela Universidade Federal de Sergipe – mileide.borges@yahoo.com.br

iii Graduada em Pedagogia pela Universidade Federal de Sergipe – vanessamacedo@hotmail.com.br

iv Cagliari, 1999, p.36 – 37.

v Cagliari, 1999, p.37.

vi Cagliari, 1999, p.40.

vii Cagliari, 1999, p.51.

viii Cagliari, 1998, p.36-37.

ix Passos, 1987, p. 12

x Passos, 1987, p. 14

xi Cagliari, 1999, p.88

xii Cagliari 2005, p.184

xiii Cagliari, 1999, p.95

xiv Almeida; Abreu, 2011, p. 14.

xv Almeida; Abreu, 2011, p.68.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALMDEIDA, Eliana; ABREU, Aninha. **Vamos trabalhar:** livro integrado: língua portuguesa, matemática, história e geografia, ciências. São Paulo: Editora do Brasil, 2011

BRAGGIO, Silvia Lúcia Bigonjal. **Leitura e alfabetização:** Da concepção mecanicista à sociolinguística. Porto Alegre: Artes Medicas, 1992.

CAGLIARI, Luis Carlos. **Alfabetização e Linguística.** São Paulo: Scipione. 2005.

CAGLIARI, Luiz Carlos. **Alfabetização sem o BÁ-BÉ-BI-BÓ-BU.** SP, Scipione, 1999.

PASSOS, Lucina Maria Marinho. **Alegria de Saber**. Editora Scipione, 1987.